

POBREZA VIVIDA EM ANGOLA · ANÁLISE ESPECIAL · 2019–2024

A privação que o crescimento não *apagou*

Entre 2019 e 2024, a proporção de angolanos em pobreza vivida elevada subiu de 35% para 46% — mesmo com o regresso do crescimento económico, a privação manteve-se nos máximos da série.

1,99 ÍNDICE DE POBREZA VIVIDA (2024)	46% EM POBREZA VIVIDA ELEVADA	+11 pp DESDE 2019 (35% → 46%)	65% NO MEIO RURAL (VS 36% URBANO)	+4,4% CRESCIMENTO DO PIB EM 2024
--	---	---	---	--

AUTOR David Boio | **DADOS** Inquéritos Ovilongwa · R8–R10 + DTA | **DATA** Junho de 2026

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

- A pobreza vivida subiu e fixou-se num patamar elevado: o LPI passou de **1,71 (2019) para 1,99 (2022) e 1,99 (2024)**, numa escala de 0 a 4. A fatia em pobreza elevada cresceu de **35% para 46%**.
- O crescimento não trouxe alívio: o PIB real cresceu **4,4% em 2024** (o maior desde 2014) e a inflação recuou, mas a privação sentida manteve-se nos máximos de meia década.
- A água é a carência que mais se agrava: ficar "sempre" sem água potável subiu de **16% (2019) para 24% (2024)**.
- A privação tem geografia e classe: quase o dobro no rural (65%) face ao urbano (36%); desce de 59% (primário ou menos) para 24% (superior). Moxico, Lunda Norte e Uíge lideram; Luanda regista o valor mais baixo.
- Mesmo a população conectada não escapa: no inquérito DTA o LPI é menor (1,42), mas só 3% não relatam qualquer privação.

Em janeiro de 2026, a UNITA lamentou o "empobrecimento de famílias e empresas", denunciando uma cesta básica inacessível e afirmando que "o papel de um Presidente não é aumentar a pobreza para o seu povo" (Lusa/VerAngola). Em abril, voltou a recusar que Angola "normalize a sobrevivência como modo de vida", apontando a perda de poder de compra dos salários e o desemprego jovem. O MPLA contrapôs com a estabilidade e o investimento — "mais fábricas, mais escolas... mais dignidade para o povo angolano" —, recusando que o país seja "refém de ambições partidárias desmedidas". Por trás da disputa política está uma questão empírica: **o que está, de facto, a acontecer às condições materiais de vida das famílias angolanas.**

No plano macroeconómico, o Banco Mundial registou um crescimento real de **4,4% em 2024** — o maior desde 2014 —, depois de a economia ter contraído cerca de 10,4% entre 2016 e 2020; mas projeta um crescimento médio de apenas 2,9% em 2025–27, "improvável que melhore significativamente os padrões de vida". Os próprios cidadãos confirmam o desfasamento: segundo o nosso comunicado de 14 de outubro de 2024, **63% dizem que a situação económica do país piorou** e apenas 20% veem melhorias, enquanto quase metade (46%) viveu pobreza extrema no último ano.

«A macro recupera em folha de Excel; a micro empobrece em mesa de jantar.»

01 Uma privação que se agravou e não recuou

A pobreza vivida mede a **privação material sentida** — com que frequência, no último ano, faltaram cinco bens essenciais: comida, água potável, cuidados médicos, combustível para cozinhar e rendimento. A nossa série de inquéritos mostra uma deterioração nítida: entre 2019 e 2022, anos de recessão e

inflação elevada, o LPI saltou de 1,71 para 1,99; em 2024, apesar do regresso do crescimento, manteve-se em 1,99. **A fatia em pobreza elevada passou de pouco mais de um terço para quase metade da população, e o grupo "sem qualquer privação" praticamente desapareceu.**

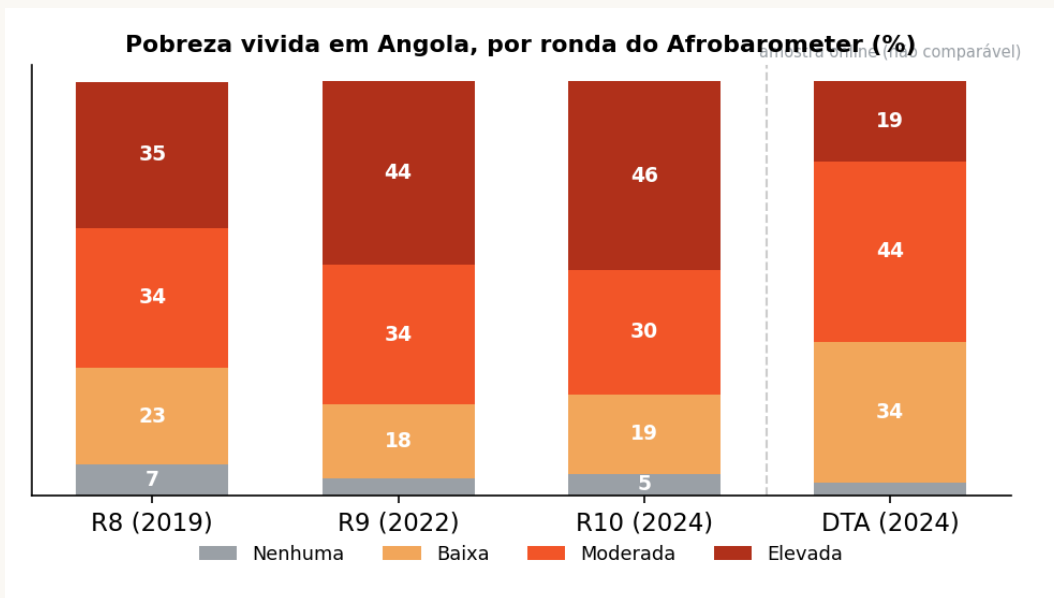


Figura 1. Distribuição da pobreza vivida por ronda. R8–R10: amostras nacionais ponderadas; DTA: amostra telefónica de utilizadores de Internet (não comparável).

Ronda	LPI médio	% Elevada	% Moderada	% Nenhuma
Ronda 8 — 2019	1,71	35%	34%	7%
Ronda 9 — 2022	1,99	44%	34%	4%
Ronda 10 — 2024	1,99	46%	30%	5%
DTA — 2024 (online)	1,42	19%	44%	3%

preocupações da juventude (Ovilongwa, 2024); e a maioria dos residentes rurais continuava privada de eletricidade fiável, incluindo apenas 6% com fornecimento confiável (Ovilongwa, 2023). A pobreza vivida é o denominador comum a estas privações.

02 A economia recupera, a pobreza vivida não

O contraste entre os números macroeconómicos e a experiência das famílias é o cerne deste retrato. Depois de cinco anos de recessão (2016–2020), a economia voltou a crescer e acelerou para **4,4% em 2024**, impulsionada pela recuperação do petróleo, dos diamantes, do comércio e da pesca. E, no entanto, é justamente nesse período de retoma que a pobreza vivida atinge o seu máximo.

Esta trajetória ecoa o que já reportámos: em 2024, a saúde, o desemprego e a insegurança alimentar e hídrica encabeçavam as

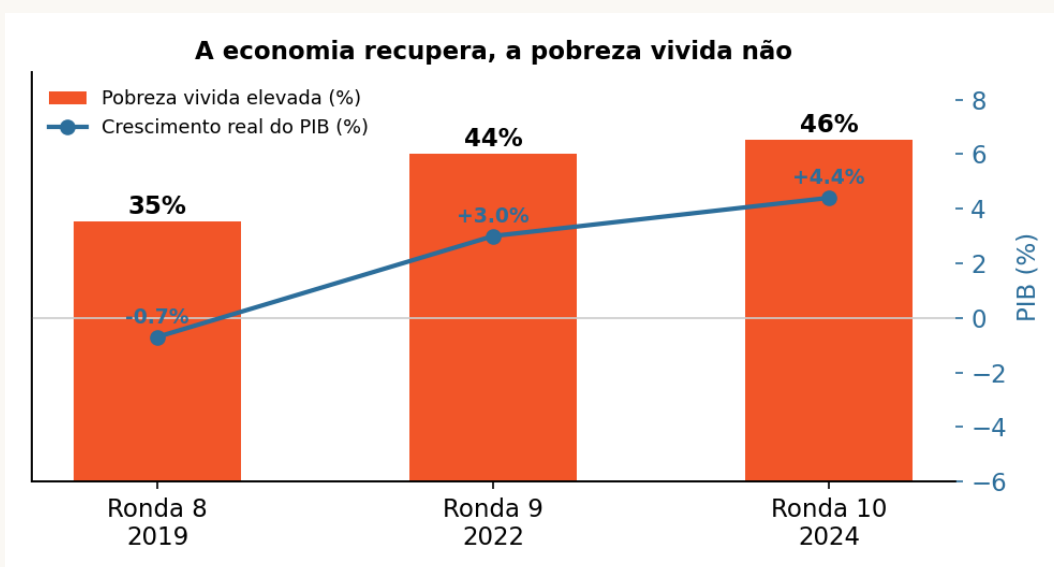


Figura 2. Pobreza vivida elevada (%) e crescimento real do PIB (%) por ano. PIB 2024 (+4,4%) do Banco Mundial (AEU, jul. 2025); 2019 e 2022, FMI/Banco Mundial.

Os dados macro reforçam o paradoxo. O Banco Mundial estimava que, em 2018, **52,9% dos angolanos** (cerca de 16,5 mi-

lhões) viviam com menos de 3,65 dólares por dia, com um Gini de 51,3 — dos mais desiguais do mundo. O FMI regista um

recuo da inflação, de 27,5% (dez. 2024) para 15,7% (dez. 2025) e 12,4% (mar. 2026). Mas a recuperação é "improvável que melho-

re os padrões de vida" no horizonte 2025–27 — e a privação sentida não cedeu.

«Cresceu o que se conta em volumes; encolheu o que se conta em qualidade.»

A Ovilongwa não toma partido no debate político. Mas os dados oferecem uma base empírica comum: **independentemente da retórica, a pobreza vivida medida junto dos próprios cidadãos está nos seus níveis mais altos em meia década.** É contra este indicador — e não contra projeções de PIB — que as políticas devem ser avaliadas. (Os "82% mais pobre" invocados no debate parlamentar provêm do World Poverty Clock citado pela oposi-

ção; aqui ancoramos a análise nos nossos inquéritos, no Banco Mundial e no FMI.)

03 Quem é mais atingido: o mapa social da privação

A pobreza vivida não se distribui por igual. Cruzando o indicador com as características sociodemográficas dos inquiridos na Ronda 10 (2024), três clivagens sobressaem: **o território, a escolaridade e a idade.**

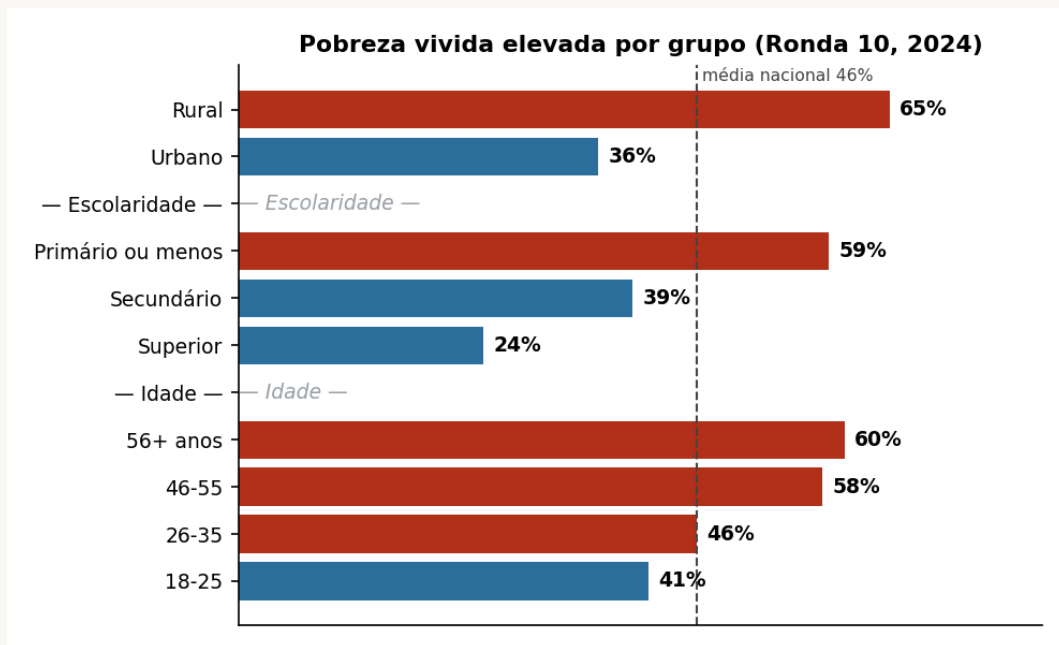


Figura 3. Pobreza vivida elevada por grupo, Ronda 10 (2024), ponderado. Linha tracejada: média nacional (46%).

A divisória mais forte é a **rural–urbana**: a pobreza elevada é quase o dobro no campo (65%) face à cidade (36%) — o padrão que reportámos no comunicado de outubro de 2024. Segue-se a **escolaridade**: desce de 59% entre os que têm o primário ou

menos para 24% entre os de ensino superior. E agrava-se com a **idade**, dos 41% (18–25) para 60% (56+). Já entre homens e mulheres a diferença é mínima (45% vs 46%).

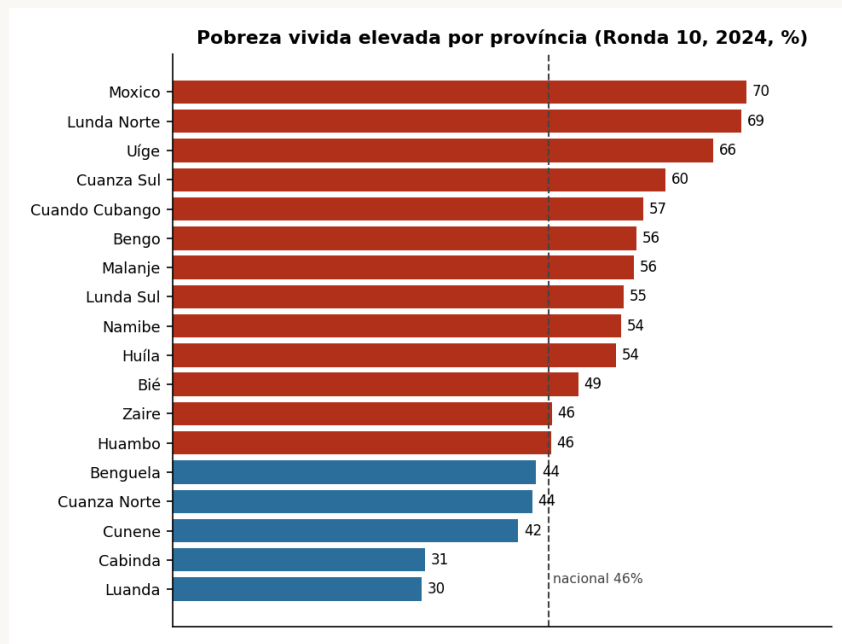


Figura 4. Pobreza vivida elevada por província, Ronda 10 (2024). Vermelho: acima da média nacional.

No plano geográfico, a privação é mais intensa no interior: **Moxico (70%)**, **Lunda Norte (69%)** e **Uíge (66%)** lideram, enquanto **Luanda (30%)** e **Cabinda (31%)** registam os valores mais baixos. O mesmo comunicado mostrava que a insegurança alimentar severa atingia sobretudo a região Leste (49% sem comida "muitas vezes" ou "sempre") e a Huíla.

04 A água: o sintoma mais visível

Entre os cinco bens essenciais, é o acesso a **água potável** que mais se degradou: ficar "sempre" sem água subiu de 16% (2019) para 24% (2024) — um em cada quatro. Combustível para cozinhar e cuidados médicos seguem o mesmo sentido. São privações que se acumulam sobre as mesmas famílias — rurais, com menos escolaridade e mais velhas.

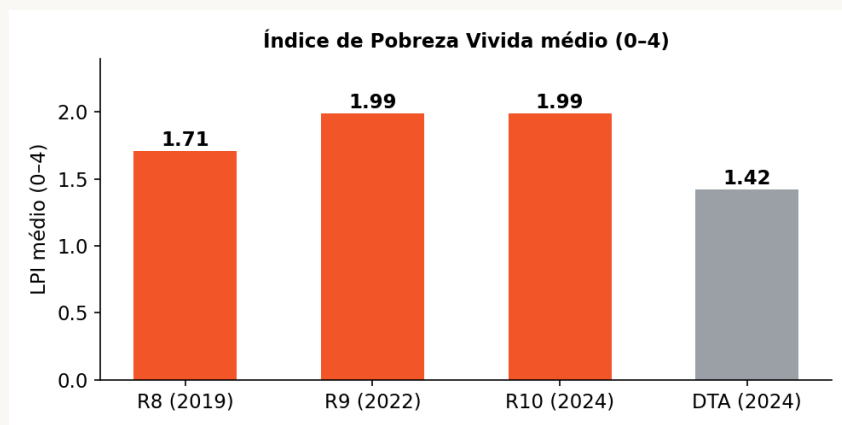


Figura 5. Índice de Pobreza Vivida médio (0-4) por ronda. A barra do DTA refere-se à população online, não comparável às rondas nacionais.

05 O que estes números (não) dizem

Três cautelas. As Rondas 8, 9 e 10 são amostras **nacionais, presenciais e ponderadas**, comparáveis entre si. O inquérito **DTA é diferente**: por telefone, junto de utilizadores de Internet (mais urbanos, jovens e escolarizados) e não ponderado — por isso o seu LPI mais baixo (1,42) **não indica menos pobreza no país**, mas que mede um segmento mais favorecido. Apresentamo-lo como complemento, não como continuação da série.

A pobreza vivida mede privação **sentida e auto-reportada**, não rendimento monetário; é a experiência das famílias que escapa às médias macroeconómicas. Ao nível provincial, algumas bases

são pequenas, pelo que as percentagens por província são indicativas. Os valores categóricos coincidem com a variável oficial dos microdados (LPI_Categorical).

06 O que isto significa

A mensagem é sóbria: **o crescimento macroeconómico, por si só, não está a reduzir a privação que os angolanos sentem**. Sem políticas que cheguem diretamente às famílias — água, saúde, energia para cozinhar, rendimento —, e que priorizem o meio rural, o interior e os menos escolarizados, o regresso do PIB arrisca-se a ser uma recuperação sem recuperados.

Reduzir a pobreza vivida exige priorizar os bens essenciais cuja falta mais se agravou (a começar pela água), proteger o poder de compra dos mais vulneráveis e medir o sucesso das políticas pelo

que muda na mesa das famílias. **É esse o indicador que importa — e é esse que continua nos máximos da série.**

Metodologia. Inquéritos de opinião pública em Angola (Ovilongwa Consulting): Ronda 8 (2019, n≈2.400), Ronda 9 (2022, n≈1.200), Ronda 10 (2024, n≈1.200) — amostras nacionais presenciais e ponderadas (peso within-country) — e Inquérito DTA (2024, n≈1.200), por marcação aleatória de dígitos junto de utilizadores de Internet, não ponderado. O Índice de Pobreza Vivida é a média de cinco itens (0=Nunca ... 4=Sempre): 0=nenhuma; 0,1–1,0=baixa; 1,1–2,0=moderada; >2,0=elevada. Em R8 e R10 usou-se a variável oficial "LivedPoverty"/"LPI_Categorical"; em R9 e DTA reproduziu-se o índice a partir dos cinco itens. Os cruzamentos sociodemográficos referem-se à Ronda 10 e são consistentes com o nosso comunicado de 14 de outubro de 2024.

Fontes. Ovilongwa Consulting — inquéritos de opinião pública em Angola (Rondas 8, 9, 10 e Inquérito DTA, 2019–2024); comunicado de 14/10/2024 e dispatches próprios de 2023 e 2024. Banco Mundial — [Angola Economic Update \(25/07/2025\)](#); Angola Poverty and Equity Brief (out. 2025). FMI — 2026 Article IV Consultation (08/05/2026). Lusa/VerAngola — declarações da UNITA (22/01/2026; 23/04/2026) e do MPLA (23/04/2026).

David Boio · Sociólogo · Ovilongwa Consulting